

RENA SCENÇA

FOLHA LITTERARIA

ASSIGNATURAS

PROVINCIAIS

3 mezes . . . 2\$500
6 . . . 5\$000

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

REDACTORES

Teixeira Duarte, Ayellar Andrade, Athanasio de Almeida,
Vieira da Silva e Alfredo Neves.

ASSIGNATURAS

CORTE

Por tres mezes . . . 1\$500
Por seis . . . 2\$500

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

N.º 1

RIO DE JANEIRO, 1 DE DEZEMBRO DE 1878

NUM. 8

Expediente

Nossos assignantes, que ainda se em debito commisso, continuamos e o favor de mandar sub-lara impellido suas assignaturas por cartas radas pelo correio.

riginas que não forem publicados não restituídos.

RENASCENÇA

ao publico em geral e nos nossos asntes em particular que nos dirigim.

Ivemos suspender temporariaa publicação da Renascença.

o o cansaço que nos prostra; não alta de seiva que nos amigüila; não desanimo que nos abate e apavora. do: nada disio.

ntros são os mores que nos forçao a ar esta deliberação.

FOLHETIM

Eu penso que o homem que não aprecia a variedade é um ente sem alma e sem gesto.

Quanto a mim ama-a sincera e ardentemente.

Ella me distrahe e deleita: e quanto basta.

Se me fosse possível erigir-lhe um altar, eu a erigiria.

Eis a razão, a unica, por que saio hoje do dmião da grossa e apresento um folheto em versos.

E' verdade que não sou poeta.

Em meu crebro não arde o fogo da inspiração, nem sentilla a chama sagrada da poesia; brisxola apenas a luz vacillante e ubia do metrificador.

Mas que quereis?

Gesto da variedade.

E, demais, leitor, se sós exigente, se não podes supportar a leitura de versos ambarados de um metrificador, passa adiante, passa depressa, se podes, se sós indulgente. Ede-os

Eil-os:

A época que atravessamos é de completa obrigação na vida escolar. As bancas de exames funcionão por toda a parte: a sciencia absorve-nos o tempo e a attenção.

Após esta obrigação fur-se-ha um silencio de morte em torno das escolas. E aquelles edificios onde ha pouco tudo era vida e animação transformar-se-hão em uma solidão medonha.

As escolas das povoadões se.

Cada um entrevê de longe o seu berço: temos saudades: a nostalgia nos invade o peito,— corremos pressurosos ao lar para desfructarmos alegrias santas e puras como só se destructão no seio sempre sagrado e meigo da familia.

Com o numero de hoje, encerramos pois o anno de 1878.

Mas a nossa ausencia da arena da imprensa é curta, muito curta. Antes mesmo de terminar o periodo escolar que atravessamos, voltaremos a occupar o nosso modesto e obscuro lugar entre os batalhadores da imprensa.

Breve, muito breve, em Janeiro de 1879, estaremos firmes em nosso posto.

INGRATIDÃO

O' tu, que zexas ao soffrer que punge,
Que ris do amor e da saudade amena,
Tu, que reserves da constancia e occultas
No rio de arlanço o coração de hyena:

Tu, que nas aras da impureza queimas
Insensu e myrra a ingratidão que aterra,
Que dde, não sabes como foi germolo
Esse fantasma que pollue a terra?

Bem! deste facto que arrepia as carnes
Eu vou fazer-te a narração tremenda...
Attende... attende sem pavor, sem medo,
Essa melonho e pavorosa lenda:

—Foi logo após a perdición da hamein...
Do crime ao peso esmagador vergado,
Eil-lo culpado, foragido, e a esmo,
O parizo a percorrer, coitado!

Eil-a, despida da innocencia meigo,
Va no recesso mais sombrio e umbroso.
Da luz, das flores, das ligeiras aurenas,
Cegio de prje a se occultar medroso.

resolvidos não só a trabalhar sem trégua e sem descanso, mas ainda a dar um desenvolvimento mais amplo ao nosso actual programma.

Agradecendo o concurso benevolo e animador que nos tem sido dispensado pelo publico esperamos que este concurso não nos será retirado; ao contrario continuos com elle.

NOTICIARIO

Fomos obsequiados nesta ultima quinzena com os seguintes jornaes:

Diario de Campos, Domingos, Violeta, Actualidade, Mosalco-Ouopratano, Arauto de Minas, Gazeta de Lorena; o Liberal, Gazeta de Sorocaba, Piracicabano, Bependiano, Colombo, Independente, Jornal da Tarde, Gazeta da Victoria, Echo Liberal, Pirilampo, Seculo, Paulo Affonso, Povo, Tribuna de S. Carlos, Caldense, o Norte de Minas, Progresso, Mocidade, Provincial, Cinco de Janeiro

E a serpe exalta do triumpho immenso...
Seu negro peito de prazer palpita!
Quando tressa na estensão do espaço
A voz do Eterno a lhe bradar: — Maldita!

Treme no castigo que te aguarda, treme!
Esta cabera, que forjou tal crime,
Va de esmagar-te no volver dos seculos
Virgem modesta, divina, sublime. —

E, se estorcendo e fulminado a serpe,
Ante o fulgor da magestade eterna,
Subtil resvala pela branda relva
E entra, fugindo, na internal caverna.

Então do inferno nos profundos pacos
Preso de inveja rancorosa, insana,
Satan vencido não se curva e trama
Inda uma vez a perdición humana

Satan sentado n'um soberbo throno,
O pandemonium vingador preside:
Formão-se em torno os anjoraes e tudo
Que nas abyssmas infernaes reside.

Estava a noite tenebrosa: os raios
No fundo negro d'ampidão corrião,

Parahybano, Imprensa Ituauna, a Idéa, o Besouro, Papagallo e a Grinalda.

Muito agradecemos.

« Parahybano » é o título de uma nova folha litteraria que começou-se a publicar na delectavel cidade de Juiz de Fora.

O primeiro numero que temos presente, revela bastante intelligencia da parte de seu redactor. Comprimentamos ao collega desejando-lhe longa e prospera vida, e enviamos a nossa modesta « Renascença. »

Na distincta cidade de Diamantina appareceu com o título de « Norte de Minas » uma nova folha que publica-se duas vezes por mez; e em S. João d'El-Rei, « a Napoles de Minas » começou-se a publicar o « Cinco de Janeiro. » O I.º é órgão da Sociedade Recreio Beneficente de Diamantina, e o segundo é órgão do partido liberal em S. João d'El-Rei, ambos, porém redigidos por habéis pennas.

Comprimentamos os collegas e agradecemos a offerta.

Do nosso amigo Oscar Satyro da Cunha Bittencourt, distincto segundo annista da Escola de Medicina, recebemos um trabalho scientifico tratando do esqueleto humano, que começaremos a dar publicidade no nosso proximo numero.

LITTERATURA

S. JOÃO D'EL-REI

E' do insigne e conhecido escriptor nacional B. Guimarães a descripção fiel desta encantadora cidade mineira, a qual passamos a transcrever:

E desenhão flammejantes riscos...
Cérebros, medonhos, os trevões brimão.

— « Filhos das trevas! Satanaz exclama,
Fomos vencidos na gigante luta,
Que contra a obra do Senhor movemos!
Esta derrota nos humilha e enluta!

Nós, que o poder do Creador osuamos,
Ajos rebeldes arrestar outrora;
Nós, soberanos de um potente império
Vedado a luz da refulgente aurora;

Nós condemnados no porvir a sermos,
Sem dó, calcados pelos pés da barba
De uma mulher! oh, que vergonha! opprobrio!
Nós atrelados dos mortaes do carro!

Não! não se zomba impuneamente, nunca,
Do poderio do Senhor das trevas!
Tremão mortaes de minhas iras justas!
Tremão do mundo as miserandas Evas! —

Surdo rumor, qual o branir longínquo
No matagal de desalvido vento,
Percorre a turba e de Satan as fallas
Abafa e cobre n'um veloz momento.

Segue-se logo supulcral silencio.
E á voz roufenha de Satan preito,

« E' bem linda a cidade de S. João d'El-Rei—essa formosa odalisca, que abre as portas das magnificas regiões do Sul de Minas. Si a não conhecos, leitor, pergunta á aquelles, que a tem visitado se não ficaram encantados com aquelle aspecto faceiro e risonho, que sempre a reveste, e que dá-lhe a apparencia de noiva gentil que traz sempre na fronte a grinalda da festa nupcial, e nos labios o sorriso da alegria e do amor.

Reclinada pela falda de um serrate de pouca elevação chamado a Serra do Leão, cujo dorso denegrido, arido e esburacado contrasta singularmente com a perspectiva risonha e vicejante da planície, parece travessa e risonha pastorinha, que pousada sobre a pelucia verde de prado, com os braços abertos, e o sorriso nos labios, como que está dizendo ao viandante fatigado:

— Vem á meu lado gosar do repouso e do prazer.

O ambiente tepido e voluptuoso, que a envolve, agitado de brandas virações a bateja constantemente com os aromas da flor de laranjeira, da rosa, do jasmim, do jurebo, da mangerona e de outras mil fragrancias, que se exhalam de seus innumerados jardins e pomares.

Esses pomares e jardins que se entrelaçam com as casas, como arabescos de esmaltadas, estão sempre tocados de flores e fructos, porque ali só se conhecem duas estações—a primavera e o outono, que ali reinam todo o anno conjunctamente, na mais perfeita e inalteravel harmonia.

E a terra dos fructos e das flores, dos portumes e das canções, dos risos e das festas, da beizesa e do amor.

E a Napoles de Minas.

As rubras fauces dos abysmos rubros
Se escancararão. Remoção um grito!...

Grito de espanto, de pavor!... Eis surge
Das profundezas monstro informe, horrendo!
Do inferno os filios recatam todos
Ao seu aspecto amagador, tremendo!

Mesmo Satan—o poderoso archampo—
Tremeu e ru da heftonidez da obra
Que foi gerada no maldito crance!
E a tumba treme e de pavor redozna.

— « Argos das trevas! Satanaz prosegue,
Itinaves, curvai-vos, entoaí victoria...
Eis minha filha—a ingrátula querida—
Dos meus demônios—a vingança e a gloria!

Filha, gercei-te p'ra tingar-aos, salve!
E' grande, e vasto o teu império, eterno...
O mesmo inferno recatou ao ver-te!...
Vem; toaá um heijo abrasador, paterno. —

E a filha inclina as hediondas faces,
N'ellas os labios de seu pai roçarão.
Solcos de fogo subitaneos boirão
Por onde os labios infernaes passarão

— Sobre o planeta que se chama terra,
Gloria do inferna, estremecida filha,

Um ribeiro, que de serras e que atravessa pe por baixo de duas lindas l a embala com seus murmu...

Deitada ao longo da falda da parana-lhe brandamente a ca lado do sul, verdes e boicadas enquanto os pés estiram-se cando pela planura, formando resco arrabalde de Mattosinha casas alvejam atufadas em en mais frondentes e vigorosos pomares

Seguem-se á norte e a leste as ex lizerias, no fundo das quaes rol rapidas e caudaloso rio das m em distancia de cerca de mo' encurva em torno da cidade ponte colossal posta de guarda a escabello, em que repousa a fiela dos paizes do ouro e do diamant n'essa linda cidade hoje pare pirar paz e alegria, prazeres o a

Entretanto em eras mais rem ali restringiram échos de mo, vingança, essa terra hoje tão ri tranquilla já foi theatro de en desafoço de ferozes e nagnuar xões: já fumegou o sangue de tosas carniceiras por ali, onde a respiram auras embalsamadas d fumes dos laranjões, das mangõ das jamebeiras em flor.

S. João d'El-Rei, como todos os nos anríferos do centro do Minn sua desce- rtas exploração aos po Por sua posição geographica, como de porta ao sul ás região foras, devia ser uma das prin senão a primeira, em que depe aquelles denodados aventureiros a marcha de sul para norte.

Ali foi o principal theatro do an mismo violento da lucta enraivada,

Corre, avassala o coração do homem;
Vae; segue, segue a fulgurante trilha! —

E o monstro as azas sacudindo galga
As ferreas portas do trevoço estala.
Ao mundo aperta; os arruaes assenta;
E, ergue o nefasto pavilhão, —ousado!

Estava a noite tenebrosa: os raios
No fundo negro d'amplidão corria,
E desenhão flammejantes riscos...
Cérebros, medonhos, os trevões brimão,

II

Soudra que tanto amei, porque é que corres
No caminho do crime, desgraçada?
Oh! para um só instante... pensa... e expelle
Do triste coração tão fraco, amelle.
A filha de Satan idolatrada.

Oh! para um só instante... para e pensa.
E a padridão, que alimentando egobres
Do fundo seio na ulcerada entanha,
De fogo sacrosanto em ondas banha;
Banha na luz dos sentimentos nobres.

anos do século passado, e paulistas e forasteiras, minou pelo horroroso e rictio dos paulistas, o então Coutinho, agente do valente português Manoel

Ho não tristemente celebre, rio, que passa por perto do sinistro nome de—Rio das e lugar em Janeiro de 1700, porém, e desavonças, que por enaram luctas sanguinosas, já esse o anno de 1700, em que Sá os, nomeado govern- cupação chegou ás Minas usigo bandos de aventurei- e de diferentes capita- e excitou o ciúme dos pa- a qualidade de primeiros das Minas, se considera- do direito exclusivo de começaram a rotar odio fies aventureiros, que pro- ar seus thesouros, e prin- s portugueses, que appeli- thas. »

I INVENÇÃO

(Continuação)

se aproxima, o trio augmenta, zeos se entorpecem, e entretanto o pulso rudentia, elle não respira senão com vel canseira. Seus braços enfraqueci- preestes a abandonar-o; um sonho de ade gradualmente todas os seos senti- elle succumbe: está perdido. Enfim um cobindo reina ao redor delle. Os passarus u mais os ares com os seos cantos, e os isíveis, visíveis do nada, cujos en- amados no espaço animavam a atmos- a o seo zombado quasi insensível, e o so mesmo tempo, de amor, de movi- de vida, desapareceram da criação, agonia d'alma este infeliz não se lan- to para os longinquos objectos de suas e affeições, sua mulher, seos filhos, seos

as imagens queridas vão se absor- ordeno onde reina uma calma lugu- interrompida pelo estalido súbito de res cujo tronco, cedendo aos rigores excessivo, separa-se e fende-se em da mais assignala a natureza viva, e os dos animaes selvagens, dos lobos

temor da morte sustêm e conserva lle lançou o creador do mundo, o cha atrás delle.

esperança e de alegria, elle beija e conhecidos a terra sagrada que ao immensa.

anda-se. A direita uma opulenta ci- cece á nossas vistas, em sua presença ugo de uma vasta extensão, cuja super- te que diaphana não reflecta mais o azu- dos céos. Suas agnias fortemente

ve ligeira, resistiu ao

Alegres patinadores, com o resto occulto sob uma mascara, as mãos envolvidas em umas espessas luvas, tração sobre a onda solida rem figu- ras variadas. Alguem julgaria estar na praça pú- blica de uma das primeiras capitais da Europa.

Uns se encontrão passando e vacillão. Os espe- ctadores prevêem uma queda proxima, porém o ligeiro patinador, firmando-se em um dos seos saltos fica um momento immovel escorrega e re- cupera com graça o equilibrio.

Mas longe, um céo não menos nublado, vêem-se jovens e frescos leiteiras, com os ca- bellos presos em uma touca escura, a fronte co- berta com um ligeiro torcado e vestidas com uma casquinha azulada, vermelha ou cinzenta, um petillo mais branco que a neve assignala ao por- te desembarcado e delicado. Seu braço esquer- do está repousado nas cadeiras enquanto o direi- to sustêm, fazendo em arco um brillante pote contendo posto sobre a cabeça, que um raio da sol faz parecer tão brillante como o mais puro ouro. Ajudadas pelos rapidos patinadores, ellas desliza-se sobre o endarecido gelo e ganhão em menos de uma hora o espaço de muitas milhas.

Porém ó céos ! xejo sobre as agnias geladas de Wolga uma elegante selção, puchada por uma rona cujos pés ligeiros não cederão até ao mais novo cervo de nossas florestas, vão com a rapi- dez de uma flecha sobre a superficie perliada do rio. Uma mãe, sua filha, belleza que apenas con- ta 16 primaveras seio joven espasse occupão esta terrestre baquinha. O desespero ! ó morte ! o gelo continuando estala, parte-se: separa-se, e o rio funesto absorve em seio seio avaro os mais doces thesouros da natureza e do amor.

Um só instante, um relampago bastou a alma desses tres infelizes seguir para as regiões cele- stes. O grito de horror e simultaneo que assignala a triplice morte? Ah ! ao menos morrerão juntas.

C. POUJENS.

PARTE SCIENTIFICA

A RENASCENÇA DOS ARTISTAS

I

Os inventores do XVI século constitui- ram a sciencia universal, senão em seus desenvolvimentos infindos ao menos em seu germen e base.—E' este o verdadeiro catholicismo, e não conhoço outro. Spi- nosa, Leibnitz tiveram o profundo e go- noroso sentimento dessa religião da sciencia, da verdade e da humanidade, no seio da qual se abysmarão para sem- pre as contendidas dogmaticas e mysticas. Foram elles os prophetas da nova ali- ança, não d'um só povo com Jehovah, mas de todos os povos com a justiça.

Era isso, sem duvida. Pic de la Miran- dulle quando buscava, com infatigavel ardor a unidade essencial das tradições genero humano do através de todos os véos que a occultam aos olhos da huma- nidade; e então se esforçava por concil- liar o christianismo e a antiguidade, Pla- tão e Aristoteles, os juizes, os gregos, os christãos os arabos e todos os sabios au- gnio, explicando-os, uns pelos

outros, e completando-os com uma har- monia geral da Philosophia.

O que fizeram pela sciencia os grandes inventores, tambem pela belleza tem sido feito pelos grandes artistas. E como a sciencia, a Belleza e a Philosophia são eternas, segue-se: que as artes não po- derão deixar de figurar no painel dos progressos do espirito humano.

II

Antes de começar o estudo das obras primas do XVI século, cumpre apresen- tar algumas reflexões sobre a arte con- siderada em sua essencia e em suas transformações successivas.

Todas as theorias sobre a arte podem se reduzir á duas principaes, á que da- mos hoje novos nomes (porque estamos capacitado de que basta uma só palavra para fazer reviver o passado) porém, que são tão velhas como o globo terraqueo— Uma chama-se espiritalismo, outra sen- sualismo. Uma serve para personificar a alma, fazel-a transparecer no exterior e graval-a sobre a pedra, o marmore, ou madeira. A outra contenta-se em re- produzir a natureza exterior. Socrates, disse: « O estatuario esprime, pelas fór- mas as acções da alma ».

Platão: « O bello é o esplendor do ver- dadeiro. O que é divino é o bello, o ver- dadeiro, o bom e tudo o que a isto se assemelha ».

Os sophistas gregos, porém, dizem: « O bello é o util, e confortavel, as ri- quezas, (as honras, uma vida feliz). E ainda mais a « Arte é a forma. »

E eu, por minha vez, se ousou introdu- zir-me, tremulo, na companhia angusta dos pensadores e dos poetas, vos per- gunto « Qual é o fim da arte? Com a antiguidade inteira vos respondereis: A belleza ».

Accepto vossa diffinição, e ainda vos pergunto: « Onde existe a belleza? N'uma flor, raião ou sorriso? Sem duvida, ella está em todas as cousas, porém entre tanto, ella ali é incompetela, visto que é movel, fugitiva, perecível, cor- ruptível e ephemera! Si encontrasse- mos uma flor que não fenecesse, um raião que nunca se estinguisse, um sorriso que jamais se mudasse em lagrimas; não encontraríamos então uma belleza infinita, verdadeira immutavel e eterna? Pois bem, esta belleza que se comunica sem diminuir e sem se esgotar, este es- plendor sublime e soberano, esta aurora invariavel, sem nascente nem poente, este astro sempre vivo e scintillante, que é mais senão a imagem da perfeição e a nós mesmos pintamos? Em outr- uos, a idéia sob a qual nós nos r- tamos o eterno, o absoluto »

Não é preciso mais. O li- delo que deve passar in- olhos do artista! Po- sítua da belleza se elle a executa r- lavra de Gali- associados

D'ahi brotão duas consequências: 1.^a A immortalidade da arte, eterna como a natureza. Existia antes do homem. O primeiro poema é o mundo. Os cantos d'esta epopéa são os vulcões, os oceanos sem bordas, os ventos, as tormentas, as tempestades e as myriadas das scintillantes estrellas.

O grande Homéro invisível escreveu esta synthese do infinito.

Quereis saber quando começou a pintura? No dia em que sobre os montes e o mar despontou a primeira aurora, e dos esplendores purpúreos do occidente descendeu o primeiro sol.

A architectura e a escultura respiram nas arcadas das florestas, no perfil das montanhas e na forma austera ou risenha dos antros e dos rochedos.

A musica? Ide ouvir o murmúrio das vagas, o ceclar matutino da brisa de maio, a canção das toulinegras, o grito das aguilas, o queixume das aguas, o zumbir dos insectos, e o bulicio da folhagem.

A criação é, ao mesmo tempo, pintura, escultura, architectura e symphonia. Comem Raphael, Miguel Angelo, Brunelleschi e Beethoven.

2.^a Assim como os dogmas são os alvos a que se precipita a alma dos povos, a bigorna sobre que se prepara a espada da justiça e a cadeia do servilismo; tambem o ideal religioso é o que domina inspira e dirige as artes.

Dize-me teu Deus, que eu te direi teu poema.

Segundo a palavra abalizada de Spinoza: «A humanidade está envolvida no eterno»: Lamennais ajunta: «Em cada um de seus ramos, a arte não é mais que a forma exterior das idéas, a expressão do dogma religioso e do principio social dominante em certas epochas».

Com effeito, a India pantheista, produziu epopéas immensas, onde todos os ruidos da criação se confundem em uma harmonia grandiosa, onde a genealogia das plantas, das perolas, dos passaros e das flores se mistura com a dos herdes e dos densos.

Ella se compraz em uma architectura vegetal, luxuriante e frondosa donde se ausenta a imagem do homem.

O Egypto immovel e sacerdotal dominado, inspirado pela religião da morte, engendra as pyramides, onde dormem para sempre as dinastias de seus reis.

A Grecia, ao contrario, divinizando a natureza, vê desabrochar radiantes maravilhas da estatuaría.

que não conheceu outra religião do seu esplendor e que só se entregou a politica, cobriu o mundo de muros civis; amphitheatros, vias apollinicas.

Na Grecia.

na nas altas

da criação;

direitos

anonymos, que edificaram as igrejas de —Reims, Saint-Quentin, Chartres, Abbeville, Strasbourg, Cologne, Saint-Riquier, Beauvais, Notre-dame de Paris.

A. NEVES.

(Continúa).

POESIAS

Vozes de Ahasverus

Este mundo é-me um deserto
Por onde um vulcão passou
E gravado a minha história
Em traços negros deixou.

LATIMON B.

Seu Ahasverus—o preceito.
O Judeu da tradição,
Tenho por patria o infinito
Por amor a vastidão!

O meu manto denegrido
Das idades pelo pó
Em cilecio convertido
Envolve martyrio só!

Como Cain, no horisonte,
No seio da criação,
Tenho estampado na fronte
O selo da maldição.

Minha dor ninguém partilha!
Té o vento a sibilar
Diz-me:—segue a tua triilha!
—Avante! responde o mar.

A tempestade passando
Por meus ouvidos—atroz;
Maldito! diz rebouando,
E eu tremo ao som d'essa voz.

Mais que o verme, que palpita
No putrido lodaçal
E ao homem desprezo incita,
Sou desprezo universal!

Embalde te envié um grito
D'aqui, d'além, d'acólá,
E no céu meus olhos fito...
Mas não houves Jehovah!...

Da luz do dia os meus olhos
O brilho fere com dor!
Na vida só ha escolhos...
Já basta de luz Senhor!

Arremeça-me fremente
Do cembro do alcautil;
Entrega-me impenitente
A cerbero porvigil.

Talvez tenha pulveroso
Longe do mundo fallaz,
Tecto—abrigo selagoso
No imperio de Satanaz!

MISCELLAN

Certo advogado quiz fazer um conselho que dará a com quem pretendia casar. se ella de semelhante exorb¹ disse elle, *fazer-vos comhe lucrativa a minha profissão, e soubessets quanto valho!*...

+

Em Babylonia tinha lugar annual de raparigas solteiras. A em certo dia do anno, e junta seus respectivos dis¹; a nita era a primeira que o *teito* goava, e o sujeito que mais offerveia era o que a levar as immediatas em boileza, e dores recebiam esposas, na *agudaveis* na propoção d menor força de suas bolça todas as bonitas se achavão mais feias e disformes entav e o *leitoeiro* as offerveia; menos dinheiro aceitasson por este modo as sommas re bonitas servião de dote as fe

ECONOMIA POLITICA

O trabalho é uma propriedade. O proletario vive dos productos industria, assim como o proprietario vive das rendas do seu campo.

Um sem outro é um corpo sem

O proletario e o proprietario dous sexos do mundo social.

Sós nada podem produzir.

A sua união faz a virtude.

Privar o proletario do trab¹ salario que delle espera é rouba-lo como se rouba ao proprietario o seu a sua farinha.

Não ha rico nem pobre. Ha duas dições passageiras da vida.

Um revez faz um pobre; um olh um rico. O casamento ou a morte todas as conlições.

A igualdade nasce da corage

CHARADA

2—2 Este animal no mato gorg¹.

+

2—2 Logo é fatua este homem

+

2—1 Este milagroso aliment¹ um som amphibio.

+

2—3 Gracejo fazendo mof¹ baria.

+

Decifrações das do numero pa Salvador Rosa, Helena, Canarim rido.